

O BRINQUEDO E O BRINCAR NA ESTIMULAÇÃO DA FUNÇÃO MANUAL DE CRIANÇAS PRÉ-ESCOLARES COM DEFICIÊNCIA FÍSICA ^{1 2}

DANIEL MARINHO CEZAR DA CRUZ ³

MARIA LUÍSA GUILLAUMON EMMEL ⁴

RESUMO

O brincar é considerado como um papel ocupacional fundamental às crianças em seu processo de desenvolvimento. Nas crianças com deficiências físicas, essa ocupação pode ser prejudicada por diversos fatores tais como o grau de comprometimento motor, limitação no tempo e espaço para brincar, no número de companheiros para brincadeiras, na provisão e acesso aos brinquedos e no papel parental na estimulação desta atividade. Neste sentido, tem-se por objetivos discutir o brincar e sua importância na idade pré-escolar, a relação com a estimulação da função manual nas crianças com problemas nas extremidades superiores enfocando a paralisia cerebral, o papel parental e do profissional de reabilitação (terapeuta ocupacional) nesse contexto. São recomendados estudos futuros neste campo de conhecimento.

Palavras-Chave: Brinquedo, Avaliação de Desempenho, Terapia Ocupacional, Comportamento Infantil.

1 Artigo recebido em 04 de março de 2007. Aceito para publicação em 17 de abril de 2007.

2 Este trabalho é parte integrante da Dissertação de Mestrado defendida em 27 de janeiro de 2006 no Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, intitulada: "Brincar é estimular? Preensão, função manual e sua estimulação em pré-escolares com paralisia cerebral do tipo hemiparesia espástica", sob orientação da Prof. Dra. Maria Luísa Guillaumon Emmel. Agência de fomento: CAPES

3 Terapeuta ocupacional, Mestre em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial-PPGEEs da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, terapeuta ocupacional do Setor de Adultos da Associação de Assistência à Criança Deficiente-AACD.

4 Doutora em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo-USP, Docente do Departamento de Terapia Ocupacional e do PPGEEs da UFSCar, São Carlos-SP.

THE TOY AND THE PLAY IN THE STIMULATION OF HAND FUNCTION IN PRESCHOOL CHILDREN WITH PHYSICAL DISABILITIES

ABSTRACT

Playing is considered as a basic occupational paper to the children in its process of development. In the children with physical disabilities this occupation can be harmed by diverse factors such as the degree of motor trouble, limitation in the time and space to play, in the number of friends for tricks, in the provision and access to the toys and in the parental paper in the stimulation of this activity. In that way, it has for objectives to argue the playing and its importance in the preschool age, the relation with the stimulation of the manual function in the children with problems in the superior extremities focusing the cerebral paralysis, the parental paper and of professional whitewashing (therapeutic occupational) in this context. Future researches in this field of knowledge are recommended.

Keywords: Play, Assessment performance, Occupational Therapy, Child behaviour.

INTRODUÇÃO: A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E SUA CONCEITUAÇÃO

Atividade lúdica, brincar, brinquedos, brincadeiras, jogos, representações simbólicas, são palavras que remetem diretamente à infância. Em razão disto, essas palavras trazem consigo significados essenciais para se descobrir a criança em sua plenitude e ao mesmo tempo contribuem para a estimulação de seu crescimento e desenvolvimento.

A importância do brincar para a criança e seu desenvolvimento é reconhecida de forma universal, porém a definição desta atividade ainda é muito discutida entre aqueles que a estudam (EMMEL, 2004)¹⁴. No Brasil, o emprego das palavras jogo, brinquedo e brincadeira têm, a exemplo, sido considerados como sinônimos. Entretanto, essa utilização ilustra o pouco avanço de estudos nesse campo de conhecimento (KISHIMOTO, 2003)³².

As conceituações variadas sobre o brincar, resultantes

de teorias diversas são, em parte, uma das razões para se considerar a necessidade de se distinguir as palavras “brinquedo”, “jogo” e “brincar”. Em face disso, buscar essas definições permitirá discriminar o uso de cada termo, quando estes surgirem ao longo da discussão, e favorece uma melhor compreensão do sentido em que estão sendo empregados.

Assim, o brinquedo será aqui definido como objeto, o suporte da brincadeira, “*é o estimulante material para fazer fluir o imaginário infantil, tendo relação estreita com o nível de desenvolvimento*” (KISHIMOTO, 1997, p.26)³¹. Os brinquedos são, portanto, como um convite ao brincar (EMMEL, 2004)¹⁴.

O brinquedo concebido enquanto um objeto possibilita à criança interagir e explorar, fornecendo estímulos para o planejamento de ações, para vivenciar emoções, para criar situações imaginárias e desenvolver habilidades diversas. Tem como uma de suas características a de ser um objeto que porta significados do real ou do

imaginário das crianças (BROUGÈRE, 2001)⁶.

Já o jogo pode ser diferenciado do brinquedo pela conotação que assume em sua função e pelo sujeito da brincadeira. BROUGÈRE (2001)⁶ explica que há uma distinção interessante entre jogo e brinquedo, segundo a qual este último não parece ter uma função precisa, como num jogo. Jogo é diferente de brinquedo por pressupor uma função determinada, ou seja, a função justifica o objeto na sua própria existência. Além disso, o brinquedo é um objeto infantil e o jogo pode ser objeto tanto da criança quanto de adultos.

Visto que o brinquedo foi definido como um objeto lúdico, há de se questionar sobre o brincar em si e suas características que o distinguem das outras atividades realizadas pelas crianças em seu cotidiano, assim, o uso de brinquedos caracteriza o brincar, se algumas características forem satisfeitas, assim, faz-se importante definir tais características.

Considerando que uma atividade pode ser definida a partir de suas características mais predominantes, o brincar aqui será conceituado a partir de seis características (TAKATA, 1971; FLOREY, 1981)^{42,24}: 1) fornece divertimento e espontaneidade; 2) envolve componentes sensoriais, neuromusculares; 3) engloba as experiências, repetições, experimentações, imitações de um ambiente próximo; 4) integra o mundo interno e externo da criança; 5) permite à criança ensaiar sua interpretação da realidade e fantasia; 6) acompanha uma progressão seqüencial, de desenvolvimento.

A abrangência dessas seis características faz pensar no brincar como uma atividade saudável e necessária ao desenvolvimento infantil. Para as crianças pré-escolares, uma forma significativa de estimulação está na ocupação de brincar. Estimular a partir de brincadeiras pode ser uma forma prazerosa de desenvolver habilidades. O termo estimular é utilizado de modo freqüente na prática clínica com o significado

de intervenção terapêutica ou tratamento (PFEIFER, 1997)³⁷.

Deste modo, para ampliar esse conceito, entenda-se a palavra estimulação como qualquer conduta direcionada para a promoção do desenvolvimento infantil e independe da criança apresentar ou não algum tipo de deficiência.

Estimulação, então, significa fornecer oportunidades diversas à criança, como explorar, experimentar e brincar com objetos, também abrange movimentos corporais e uso de todos os sentidos como tato, audição e visão (WERNER, 1994)⁴⁴.

Na idade pré-escolar, tal atividade faz-se indispensável à criança, uma vez que proporciona estímulos para o desenvolvimento de várias áreas como a motora, social, emocional, cognitiva e da linguagem (EMMEL & cols., 2000; PIERCE, 2000)^{16,38}.

O BRINCAR E A FUNÇÃO MANUAL

Estabelecer uma conexão entre a área de desempenho ocupacional do brincar e a função manual não é uma tarefa difícil, pois fica fácil imaginar que muitas vezes as crianças desempenham habilidades manuais em suas interações com brinquedos, necessárias para alcançar e apreender os objetos em suas mãos, para manipulá-los no espaço, transportando-os, ou carregando-os entre os dedos e mãos, assim como soltá-los para finalizar uma brincadeira ou para pegar outros brinquedos para exploração, dando início a novas brincadeiras.

Deste modo, a função manual é conceituada como a habilidade da criança para lidar com suas atividades diárias e com novas aprendizagens, em que as habilidades manuais de alcance do objeto, apreensão, manipulação e soltar sejam requeridos (EXNER, 1993; ERHARDT, 1994; FINNIE, 2000; EXNER, 2001; CRUZ & EMMEL, 2005)^{19,17,23,20,11}.

Nas atividades infantis, são importantes as funções manuais, pois elas permitem que a criança execute,

dentre outras, as atividades lúdicas, características de sua natureza ocupacional, e isso se dá a priori por meio da experimentação e manipulação de brinquedos. A relação existente entre a função manual e o brincar para a criança pré-escolar está satisfeita na observação de que muitas brincadeiras, neste período, envolvem objetos e conseqüentemente a possibilidade da presença dos componentes de alcance, preensão, manipulação e soltar de brinquedos, o que confere uma ligação existente da função manual com o comportamento de brincar.

De acordo com EXNER (2001)²⁰, com o aumento da idade, até pelo menos os primeiros anos escolares, um grande envolvimento no brincar depende da competência nas habilidades motoras finas⁵. Essas habilidades são refletidas nas interações das crianças como para cortar com tesouras, vestir e tirar as roupas de bonecos, montar quebra-cabeças conjuntamente, montar variados jogos de construção e diversos objetos.

Além disto é reconhecido na literatura sobre desenvolvimento infantil que as formas de interação com os objetos muitas vezes envolvem sua manipulação (KATO, 1986)³⁰. Nessa fase do desenvolvimento, o brinquedo é um objeto importante para a manipulação (PIKUNAS, 1979)³⁹, e a implicação disto resulta na capacidade lúdica e simbólica da criança, que ao manipular um brinquedo possui entre as mãos uma imagem a ser decodificada (BROUGÈRE, 2001)⁶.

Uma das formas de se entender a criança é pelo conhecimento sobre seu brincar. Pesquisas que têm como participantes crianças podem considerar as atividades cotidianas por elas desempenhadas como forma de adentrar em seu universo, em seu processo de desenvolvimento e não é incomum observações do comportamento infantil, realizadas por meio da filmagem de situações de brincadeira.

Logo, toma-se como pressuposto que os brinquedos e o

brincar são instrumentos importantes no conhecimento da realidade da criança. Além disso, pelos brinquedos e brincadeiras dizerem respeito diretamente à criança, estando associados a ela, quando se analisam os brinquedos e brincadeiras, a dimensão da criança faz-se sempre presente (KISHIMOTO, 2003)³².

Em função de serem instrumentos que possibilitam a vivência de experiências concretas importantes às crianças, os brinquedos também podem ser um recurso para a estimulação de habilidades do desenvolvimento, portanto, são essenciais ao processo de ensino e aprendizagem de crianças normais assim como das crianças com necessidades especiais (EMMEL & cols., 2002)¹⁵.

BRINQUEDO E DEFICIÊNCIA FÍSICA

A “linguagem” principal da criança pré-escolar é o brincar. Das ações sobre brinquedos resultam as experiências de brincadeiras, que ampliam habilidades em várias áreas do desenvolvimento infantil. Conclui-se que o brincar pode ser visto como uma forma de estimulação de crianças sejam essas portadoras ou não de necessidades especiais, entretanto, cabe destacar que essa perspectiva do brinquedo como fonte de estimulação ao desenvolvimento da criança com deficiência não é tão recente quanto se poderia imaginar.

No mundo, o trabalho de estimulação com brinquedos surgiu da necessidade de contribuição na estimulação de crianças com deficiências (EMMEL & cols., 2000)¹⁶. Na Suécia, em 1963, uma Brinquedoteca realizava empréstimo de brinquedos com o objetivo de estimular e orientar famílias de crianças com necessidades especiais (FRIEDMANN & cols., 1992)²⁵. Atualmente o brinquedo tem sido utilizado reconhecidamente como uma maneira de promoção do desenvolvimento para crianças com e sem necessidades especiais (EMMEL & cols., 2000)¹⁶. Essas considerações permitem afirmar

⁵ Para essa autora, os termos habilidades manuais, habilidade motora fina e destreza estão interligados.

que o brincar e o brincar são essenciais para a promoção do desenvolvimento de crianças que apresentam distúrbios, como exemplo, na deficiência física.

Ressalta-se que quando se pensa em crianças com necessidades especiais podem-se incluir diversos tipos de deficiência, mas no tocante ao uso das mãos são marcantes as dificuldades apresentadas por crianças com deficiência física e isto, em parte, decorre da privação de experiências motoras e sensoriais, primeiramente do corpo consigo próprias, no espaço e, posteriormente com objetos, o que permite destacar a importância da estimulação com brinquedos para desenvolver habilidades manuais.

Salienta-se que a concepção de deficiência física aqui apresentada vai além de um prejuízo motor, mas projeta-se em suas conseqüências. Pode-se conceituá-la como uma anomalia ou modificação de sistemas, físicos ou neurológicos, o que resulta numa perturbação na capacidade de realização de atividades consideradas normativas à criança e passíveis de conduzir a uma situação de desvantagem. Essa última situação pode em igual proporção decorrer de fatores ambientais (FERLAND, 1994)²². Esse tipo de deficiência inclui crianças com paralisia cerebral⁶, espinha bífida, distrofia muscular e malformação congênita dos membros (RIDDICK, 1989)⁴⁰.

O brincar é uma necessidade e ocupação própria da vida da pessoa e, especialmente, da pessoa com deficiência (GUNN, 1975)²⁷. Deve-se atentar, entretanto, que as dificuldades enfrentadas por crianças com deficiência física, no que compete ao brincar, são afetadas por diversos fatores não freqüentes às crianças de desenvolvimento típico, o que coloca em destaque a

validade de investigações sobre o brincar das crianças com este tipo de deficiência (por exemplo, a paralisia cerebral, a mielomeningocele, as doenças neuromusculares, as malformações congênitas, dentre outros) assim como a pesquisa sobre as estratégias de facilitação e promoção de atividades lúdicas para crianças com comprometimentos motores.

A criança com deficiência física, assim como a criança sem deficiência aprende a partir de suas experiências de brincar (RIDDICK, 1989)⁴⁰. Essas experiências devem ser facilitadas para propiciar um ambiente no qual essas crianças tenham acesso às possibilidades de exploração, exteriorização de sentimentos, vivência de papéis e contato com outras crianças, adultos e objetos.

Nas brincadeiras de crianças com alterações motoras como a paralisia cerebral, é possível, por exemplo, que muitos padrões de apreensão e de ajuste do objeto às mãos sejam insuficientes ou inadequados para pegar brinquedos, o que pode dificultar e limitar suas interações lúdicas (CRUZ, 2006)¹³. Crianças que apresentam seqüelas de paralisia cerebral, assim como àquelas sem deficiências encontram no brincar uma fonte para exploração, estimulação espontânea de habilidades, gratificação e prazer por meio da atividade lúdica.⁷

Na concepção de que o brincar é uma fonte de ocupação que fornece ganhos de capacidades motoras, por meio do pegar e manipular brinquedos de diversas formas, texturas, tamanhos, pesos, pode-se entender o quanto esses elementos são importantes nas experiências da criança com deficiência física.

A investigação da função manual de crianças com deficiência física e sua relação com o brincar enquanto forma de estimulação é importante quando se considera

⁶ Das deficiências físicas, a paralisia cerebral é uma das mais comuns causas de incapacidades na infância (KOMAN & cols., 2004)³³. É conceituada como uma série heterogênea de síndromes clínicas, caracterizada por alterações motoras e de postura, de caráter não-progressivo, que ocorrem no cérebro imaturo (GAUZZI & FONSECA, 2004)²⁶.

⁷ O termo lúdico tem por significado o brincar. Incluem-se jogos, brinquedos e brincadeiras. Estes termos também se encontram relacionados à conduta daquele que joga, brinca ou se diverte (SANTOS, 2000)⁴¹.

que, além das funções manuais alteradas pelo comprometimento motor, estão prejudicadas, como resultante disto, outras ocupações desempenhadas por essas crianças, por exemplo, na forma como o déficit motor se reflete na escola, nas atividades da vida diária e até nas relações sociais.

Várias pesquisas e revisões existentes sobre crianças com deficiência física concluem que elas podem ser incapazes de brincar de forma satisfatória por consequência de um dano sensorio-motor, de uma pobre coordenação, ou insuficiência de modelos apropriados para brincar (GRALEWICZ, 1973; BEHNKE & FETKOVICH, 1984; ANDERSON & cols., 1987; MISSIUNA & POLLOCK, 1991; TAKATORI, 2003; CRUZ & PFEIFER, 2006; CRUZ, 2006).^{28,1,3,36,43,12,13}

Essas crianças experimentam déficits no controle sensorio-motor e neuromúsculo-esquelético e motor, os quais influenciam o desenvolvimento cognitivo e psicossocial. Isso acarreta dificuldade na aquisição das habilidades necessárias ao desempenho das atividades relacionadas ao cuidado pessoal, na aprendizagem escolar e no brincar (ERHARDT & MERRIL, 2002)¹⁸.

A incoordenação motora é destacada dentre as seqüelas que afetam o desenvolvimento das habilidades e o comportamento de brincar e essa dificuldade pode restringir a exploração e manipulação de objetos necessários para o desenvolvimento do repertório do brincar (FERLAND, 1997)²¹.

Crianças com deficiência física podem ter um pobre controle da mão e braço, o que limita severamente seu brincar com objetos e brinquedos (RIDDICK, 1989)⁴⁰. Por exemplo, a criança com paralisia cerebral, de comprometimento moderado, pode apresentar pobre função da mão, limitando suas habilidades para manipular o brinquedo desejado. Já a criança com um dano mais severo, pode ser incapaz de manifestar seu interesse por um brinquedo (MISSIUNA & POLLOCK, 1991)³⁶.

Com efeito, profissionais que atuam com a criança que apresenta ou encontra-se em risco de atraso no desenvolvimento em função da deficiência física, devem entender o brincar como um potente meio para conhecê-la e estimulá-la, a fim de ampliar o processo de desenvolvimento e a aprendizagem de habilidades que a favoreçam em sua vida cotidiana. Para tanto é imprescindível promover um espaço (educativo e terapêutico) de experimentação do brincar.

É fato conhecido que o impacto provocado na função manual em crianças que apresentam deficiência física pode ter graus diferenciados. Na paralisia cerebral isto se relaciona ao efeito da espasticidade, da presença ou não de deformidades, de déficits sensoriais, por questões volitivas da criança, do contexto e demandas da tarefa, dentre outras variáveis. Além disso, tem papel considerável a forma como essas crianças são estimuladas para tal função por seus pais ou outros cuidadores como as “babás”, o que indica a pertinência de se discutir o papel do adulto na estimulação da criança.

O PAPEL PARENTAL NA ESTIMULAÇÃO E O LUGAR DO BRINCAR

Para falar de desenvolvimento infantil, é indispensável o uso de uma palavra que assume maior ênfase nas práticas parentais com crianças que apresentam deficiências: a estimulação. Ressalta-se que as práticas de estimulação a serem destacadas neste tópico têm por fundamento o brincar enquanto recurso terapêutico para as práticas parentais e para profissionais da terapia ocupacional na atenção à criança com paralisia cerebral.

Para MARTINEZ (1992)³⁵ os pais ocupam um lugar importante como principais agentes de estimulação na vida da criança com problemas no desenvolvimento. O adulto é responsável por boa parte dos estímulos providos às crianças e, principalmente no brincar, sua função tem papel essencial.

O papel do adulto na estimulação da criança pode ser desempenhado em várias situações. Acredita-se que a concepção apresentada pelo adulto sobre o brincar reflete-se nas atividades e brincadeiras da criança e nas oportunidades que ela terá consigo própria, com os seus pares, com outros adultos e como consequência mais ampla, no seu desenvolvimento.

Em casa, por exemplo, uma boa oportunidade para estimular a criança está no valor terapêutico que a ocupação de brincar assume ao ser utilizada pelas mães de crianças com paralisia cerebral (HINOJOSA & ANDERSON, 1991)²⁹. O brincar em ambiente natural tem se revelado como um importante meio de estimulação sensório-motora da criança com este tipo de comprometimento motor (LORENZINI, 1999)³⁴. Mas como essa estimulação é feita e no que reside a participação do adulto são questões que podem ser definidas a partir do comportamento que ele adota.

A partir de uma revisão de alguns autores, BLANCHE (2000)⁵ destaca os vários papéis que o adulto pode representar quanto ao brincar com crianças, dentre eles os de: diretor cênico, ao fornecer tempo e organizar o ambiente físico; de mediador, ao dar assistência para a interação entre crianças e seu mundo físico; como diretor, ao assumir um papel mais ativo para despertar e prender a atenção da criança e incentivar seu interesse na brincadeira, além de demonstrar capacidades e componentes específicos e controlar as interações entre crianças ou com o adulto; de observador, quando ele não entra na brincadeira; e enquanto brincador, quando entra na brincadeira com a criança.

Analisa-se que os pais são elementos importantes para promover o desenvolvimento infantil e a partir desse conhecimento não é de se surpreender que eles sejam os principais informantes sobre as atividades que a criança realiza (CLARK & cols., 1985; CAOT, 1996; BRYZE, 2000)^{9,7,8}. Portanto, a realidade mais próxima da criança é a família e sua identidade pode ser revelada

através das ocupações mais inerentes desempenhadas por ela, sendo o brincar a principal atividade na idade pré-escolar (PIERCE, 2000)³⁸.

Os brinquedos e brincadeiras na vida da criança representam uma forma natural de estimulação de habilidades, ainda que possam não ser concebidos, pelo adulto, com esse objetivo explícito. No entanto, certamente que os pais, ao relatarem sobre brincar e os brinquedos de suas crianças, estarão destacando um pouco acerca de como elas são estimuladas.

Contraditoriamente, é reconhecida a importância do brinquedo como um meio para fornecer à criança um ambiente planejado e enriquecido que favoreça a aprendizagem de habilidades variadas, porém, poucos são os que compreendem e percebem a importância da aprendizagem que resulta do uso adequado de brinquedos e da oportunidade para brincar (BOMTEMPO & HUSSEIN, 1986)⁴.

Entende-se que a atividade lúdica pode ser uma forma de estimulação da criança e que, portanto, por meio dela, muitas correlações poderão ser feitas em termos de compreensão de como as crianças são estimuladas para tal fim pelo adulto, seja no oferecimento de espaço e tempo para brincar, na provisão de brinquedos e de contato com pares ou em sua participação direta nas interações lúdicas com a criança.

O BRINCAR NA REABILITAÇÃO FÍSICA DE CRIANÇAS: TERAPIA OCUPACIONAL

Além das práticas parentais de estimulação estão as práticas de terapeutas na reabilitação de crianças com deficiências físicas. Na terapia ocupacional a intervenção abrange diversos objetivos, os quais têm por finalidade o máximo de independência funcional da criança com necessidades especiais nas atividades por elas realizadas (CRUZ & DIMOV, 2005)¹⁰. Assim, na terapia ocupacional, o brincar e seu uso na intervenção terapêutica com crianças que apresentam

comprometimentos físicos e/ ou cognitivos, podem ser resumidos em três papéis básicos, segundo BLANCHE (2000)⁵:

- Como um contexto para promover competência: o brincar é um papel ocupacional importante para a criança e que fornece subsídios para a aprendizagem e adaptação. Esse ponto de vista considera o ato de brincar como um contexto imprescindível na preparação da criança para o desempenho na vida adulta.
- Como motivação: a brincadeira pode ser utilizada como recompensa ou motivação que instigue a criança a interagir com o ambiente e, conseqüentemente, alcançar os objetivos do tratamento.
- Como atividade espontânea e divertida: a brincadeira pode se explorada em seu aspecto fundamental, isto é, enfatizando sua qualidade como um fim em si mesma.

Acredita-se que essas são diferentes formas de intervir com a criança com deficiência física, porém não devem ser adotadas de uma única forma ou como opção a ser escolhida como a mais adequada, mas entende-se como possibilidades que, dentro de um contexto, possam se complementar de acordo com as metas e objetivos específicos de tratamento.

O brincar enquanto um recurso para estimulação da criança não é uma novidade na intervenção da terapia ocupacional. Os terapeutas integram o brincar com o tratamento neurológico da criança com paralisia cerebral, o que é um constante desafio. Para ANDERSON & cols (1987)¹ essa integração pode ser difícil porque é uma tarefa complexa tentar solicitar respostas específicas enquanto simultaneamente tenta-se engajar a criança em brincadeiras propostas. Um aspecto que agrava essa dificuldade, segundo os autores, pode ser decorrente de habilidades de manipulação, nem

sempre possíveis para essas crianças.

O reconhecimento do brincar e seu potencial no tratamento de crianças com paralisia cerebral vêm sinalizar sua validade na estimulação dessas crianças. Por exemplo, existem evidências de que o uso de representações simbólicas na prática fisioterápica pode ser um importante facilitador para a estimulação de crianças com paralisia cerebral do tipo hemiparesia espástica, facilitando a participação infantil no tratamento (BARBATO, 1994)².

CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

De modo geral, tem se discutido nas pesquisas, a atenção às necessidades de atendimento de crianças com deficiência física em programas realizados em seus lares, o que implica cada vez mais no papel dos pais como “agentes” de estimulação, a fim de que suas crianças possam se desenvolver em condições mais adequadas para sua adaptação.

Contudo, para se pensar neste tipo de intervenção, é primordial compreender o modo como os pais concebem a estimulação e de que forma a fazem. Essa é uma questão que deve continuar a ser investigada, na medida em que fornece base para muitas discussões sobre intervenções com crianças que apresentam deficiências físicas.

A concepção de estimulação equivalente ao trabalho e exercício pode tornar a reabilitação da criança com deficiência física um processo difícil. E uma das maiores dificuldades dos pais é a de perceber que a criança deve brincar não somente por causa da sua faixa etária, pelo folguedo ou frivolidade, ou porque a brincadeira faz parte de sua vida, mas porque o brincar também pode proporcionar às crianças o desenvolvimento de habilidades que por vezes ficam difíceis de se adquirir a partir do exercício forçado e coagido, desvinculado de prazer e satisfação e com um fim rigorosamente estabelecido.

A partir da discussão apresentada são recomendados estudos que investiguem:

- a) A necessidade de elaboração de programas de intervenção para estimular habilidades manuais em crianças com deficiência física, a partir da participação parental, em conjunto com a supervisão de terapeutas, a partir do uso dos brinquedos, materiais lúdicos e dos recursos disponíveis na realidade de cada uma delas;
- b) O desenvolvimento de pesquisas que tenham por local o ambiente escolar, a fim de conhecer os tipos de atividades manuais requeridas (brincadeiras) nesse ambiente e as situações demandadas pelas professoras e colegas de classe, no que compete o desempenho ocupacional de crianças com alterações motoras nas extremidades superiores;
- c) As adaptações ambientais, das atividades pré-escolares (tarefas), da necessidade ou não do uso de equipamentos assistivos que possam estimular o uso bilateral ou melhorar o desempenho funcional das crianças para tarefas que exijam o uso das mãos.

Por fim, espera-se que esta revisão possa gerar reflexões sobre o brincar e seu uso em diferentes ambientes (casa, centros de reabilitação, escola) e embasar futuras propostas de intervenção com crianças que apresentam algum tipo de deficiência física, servindo como referência para profissionais da reabilitação, bem como pais e educadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDERSON, J; HINOJOSA, J; STRAUCH, C. Integrating play in neurodevelopmental treatment. **Am J Occup Ther**, 41 (7), p. 421-426, 1987.
2. BARBATO, L.M. **A linguagem do “faz-de-conta” no tratamento de crianças hemiplégicas espásticas**. 1994. 95 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, São Carlos, 1994.
3. BEHNKE, C.J; FETKOVICH, M.M. Examining the reliability and validity of the play history. **Am J Occup Ther**, 38(2), p. 94- 100. 1984.
4. BOMTEMPO, E; HUSSEIN, C.L. O brinquedo: conceituação e importância. In: BOMTEMPO, E; HUSSEIN, C.L; ZAMBERLAN, M.A.T. **Psicologia do brinquedo: aspectos teóricos e metodológicos**. São Paulo: Edusp, 1986. p. 17-28.
5. BLANCHE, E.I. Fazer junto com - não fazer para: a recreação e as crianças portadoras de paralisia cerebral. In: PARHAM, L.D; FAZIO, L.S. **A recreação na terapia ocupacional pediátrica**. Tradução por Maria de Lourdes Giannini. São Paulo: Santos. Tradução do original Play in Occupational Therapy for children, 2000. p.202- 218.
6. BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4.ed. São Paulo: CORTEZ, 2001, 110 p. Traduzido por: Gisela Wajskop.
7. BRYZE, K. Contribuições das narrativas ao histórico lúdico. In: PARHAM, L.D; FAZIO, L.S. **A recreação na terapia ocupacional pediátrica**. Tradução por Maria de Lourdes Giannini. São Paulo: Santos, 2000. p.23- 34. Tradução do original Play in Occupational Therapy for children.
8. CAOT- Canadian Association of Occupational Therapists. **Canadian Journal of Occupational Therap**, 63 (2),1-9. 1996.
9. CLARK, P.N; ALLEN, A.S; COLEY, I.L. et al. Instruments to evaluate childhood performance skills. In: CLARK, P.N; ALLEN, A.S. **Occupational therapy for children**. Toronto, St. Louis, Princeton: Mosby, 1985. p. 191-215.
10. CRUZ, D.M.C; DIMOV, T. Uma discussão com docentes acerca das contribuições da terapia ocupacional

- na educação especial. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 14, n. 80, 2005.
11. CRUZ, D.M.C; EMMEL, M.L.G. Pesquisas sobre a apreensão em crianças normais e em crianças com paralisia cerebral. **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, São Paulo: Memnon, v.3, 2005.
 12. CRUZ, D.M.C; PFEIFER, L. I. Revisão sobre o brincar de crianças com paralisia cerebral nas três últimas décadas. **Arquivos Brasileiros de Paralisia Cerebral**, São Paulo: Memnon, v. 2, n. 5, 2006.
 13. CRUZ, D.M.C. **Brincar é estimular? Apreensão, função manual e sua estimulação em pré-escolares com paralisia cerebral do tipo hemiparesia espástica**. 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, São Carlos, 2006.
 14. EMMEL, M.L.G. Proposições sobre o significado e a função do brincar no desenvolvimento infantil. In: MENDES, E.G; ALMEIDA, M.A; WILLIAMS, L.C.A. (Org). **Temas em educação especial: avanços recentes**. São Carlos: EdUFSCar, 2004. p. 85-89.
 15. EMMEL, M.L.G; GUIMARÃES, A.E.O; PEREIRA, E.C. A brincadeira simbólica nas situações lúdicas de crianças portadoras de necessidades especiais e crianças normais. *Temas sobre Desenvolvimento*.11(62), p. 5-13. 2002.
 16. EMMEL, M.L.G; OLIVEIRA, A.A.E; MALFITANO, A.P.S. Brinquedoteca: um espaço experimental para o desenvolvimento infantil. **Revista de estudos universitários**. Sorocaba, SP, 26 (2), p.141-156. 2000.
 17. ERHARDT, R.P. **Developmental hand disfunction: theory, assessment, treatment**. 2.ed. Therapy Skill Builders, a Division of The Psychological Corporation. 1994.
 18. ERHARDT, S; MERRILL, S. C. Disfunção neurológica em crianças. In: NEISTADT, M. E; CREPEAU, E. B. **Willard & Spackman – terapia ocupacional**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.542-565. 2002.
 19. EXNER, C.E. Content validity of the In-Hand Manipulation Test. **Am J Occup Ther**, 6(47), p.505-513. 1993.
 20. EXNER, C. **Development of hand skills**. In: CASE-SMITH, J. Occupational Therapy for Children. St. Louis, Mosby, p.289-328. 2001.
 21. FERLAND, F. **Play, children with physical disabilities and occupational therapy: the ludic model**. University of Ottawa Press: Ottawa, 1997. .
 22. FERLAND, F. **Lê Modele Ludique: Lê jeu d l'enfant déficient physique et l' ergothérapie**. Montreal, QC: Presses de l' Université de Montreal, 1994.
 23. FINNIE, N. R. **O manuseio em casa da criança com paralisia cerebral**. Tradução por: Maria da Graça Figueiró da Silva. 3.ed. São Paulo: Manole, 2000. 314 p. Do original em inglês: **Handling the Young Children with Cerebral Palsy at Home**.
 24. FLOREY, L.L. Studies of play: implications for growth, development, and for clinical practice. **Am.J.Occup.Ther**, 35 (8), p. 519-524. 1981.
 25. FRIEDMANN, A; MICHELET, A; AFLALO, C. et al. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Abrinq, Scritta. 1992.
 26. GAUZZI, L.D.V; FONSECA, L.F. Classificação da paralisia cerebral. In: LIMA, C.L.F.A; FONSECA, L.F. **Paralisia cerebral: neurologia, ortopedia e reabilitação**. Rio de Janeiro MEDSI, GUANABARA KOOGAN, 2004. p. 34-44.
 27. GUNN, S.L. Play as occupation: implications for

- the handicapped. **Am J Occup Ther**, 29(4), p.222-225. 1975.
28. GRALEWICZ, A. Play deprivation in multihandicapped children. **Am J Occup Ther**, 27 (2), p.70-72. 1973.
29. HINOJOSA, J; ANDERSON, J. Mothers' Perceptions of Home Treatment Programs for Their Preschool Children with Cerebral Palsy. **Am J Occup Ther**, 45(3), p.273- 279. 1991.
30. KATO, R.A. **Estudo do comportamento de brincar da criança com deficiência física**. 1986. 144 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Mestrado em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 1986.
31. KISHIMOTO, T.M. Brinquedo e brincadeira: usos e significações dentro de contextos culturais. In: SANTOS, S.M.P. **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: VOZES, 1997. p. 23-40.
32. KISHIMOTO, T.M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2003.
33. KOMAN, L.A; SMITH, B.P; SHILT J.S. **Cerebral Palsy**. *Lancet*, p.364-28. 2004.
34. LORENZINI, M.V. **Brincando no ambiente natural: uma contribuição para o desenvolvimento sensorio-motor da criança portadora de paralisia cerebral**. 1999. 184 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 1999.
35. MARTINEZ, C.M.S. **Atividades e brincadeiras na vida da criança com problemas no desenvolvimento no início dos anos 90: a visão dos pais**. 1992. 150 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. São Carlos. 1992.
36. MISSIUNA, C; POLLOCK, N. Play deprivation in children with physical disabilities: the role of the occupational therapist in preventing secondary disability. **Am J Occup Ther**, 45 (10), p.882-888. 1991.
37. PFEIFER, L.I. Práticas pedagógicas em terapia ocupacional: capacitando o aluno para atuar junto a crianças com atraso no desenvolvimento. **Rev. Ter.Ocup. Univ.São Paulo**, 8 (2/3), p.75-80. 1997.
38. PIERCE, D. O potencial da recreação com objetos para lactentes e crianças na primeira infância em risco de atraso no desenvolvimento. In: PARHAM, L.D; FAZIO, L.S. **A recreação na terapia ocupacional pediátrica**. Tradução por Maria de Lourdes Giannini. São Paulo: Santos, 2000. p. 86-111. Tradução do original **Play in occupational therapy for children**.
39. PIKUNAS, J. **Desenvolvimento humano**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1979.
40. RIDDICK, B. **Toys and play for the handicapped child**. New York, NY: Routledge, 1989.
41. SANTOS, S.M.P. Espaços lúdicos: brinquedoteca. In: SANTOS, S.M.P. (Org). **Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico**. 4.ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 2000. p.57-61.
42. TAKATA, N. The Play Milieu-a preliminary appraisal. **Am.J.Occup.Ther**. 25, p. 281-284. 1971.
43. TAKATORI, M. **O brincar no cotidiano da criança com deficiência física: reflexões sobre a clínica da terapia ocupacional**. São Paulo: Atheneu, 2003.
44. WERNER, D. **Guia de deficiências e reabilitação simplificada**. Brasília: CORDE. Do original: Disabled Village Children, 1994.